

POPULAÇÃO INDÍGENA IDOSA: CONSUMO ALIMENTAR E ESTADO NUTRICIONAL PRÉ E PÓS PANDEMIA DE COVID-19

ELDERLY INDIGENOUS POPULATION: FOOD CONSUMPTION AND NUTRITIONAL STATUS BEFORE AND AFTER THE COVID-19 PANDEMIC

Giovanna Da Silva Pinto^a, Luciana Aparecida Cruz^b, Milena Evangelista Schaum Bezerra^c, Hellen Daniela de Sousa Coelho^d, Luciana Gavilan Dias Folchetti^e, Luiz Felipe Scabar^f, Aline Veroneze de Mello Cesar^g

^a – Universidade Paulista - UNIP. São Paulo – SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9687-2983>

^b – Universidade Paulista - UNIP. São Paulo – SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-4207-4659>

^c – Universidade Paulista - UNIP. São Paulo – SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6072-5137>

^d – Universidade Paulista - UNIP. São Paulo – SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8219-3816>

^e – Universidade Paulista - UNIP. São Paulo – SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6380-6544>

^f – Universidade Paulista - UNIP. São Paulo – SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7706-570X>

^g – Universidade Paulista - UNIP. São Paulo – SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1958-6916>

*Correspondente: aline.mello@docente.unip.br

RESUMO

Objetivo: Analisar possíveis mudanças no consumo alimentar e estado nutricional de indígenas brasileiros idosos antes e após a pandemia da COVID-19. **Materiais e Métodos:** Este estudo ecológico, descritivo e quantitativo utilizou dados secundários do SISVAN-Web, analisando registros de indígenas idosos (≥ 60 anos) nos anos de 2019 e 2025. **Resultados:** Os achados demonstraram um aumento expressivo do sobrepeso em todas as regiões, com destaque para o Sul (61,19%) e Sudeste (47,96%), acompanhado pela redução da eutrofia, sendo o excesso de peso mais prevalente entre as mulheres. Verificou-se a manutenção do consumo de alimentos protetores, porém com coexistência elevada de ultraprocessados, evidenciando uma transição nutricional com padrões ocidentalizados. **Conclusões:** Os achados indicam que o perfil alimentar dos idosos indígenas passou por uma modificação significativa, na qual o incremento de ultraprocessados desafia a manutenção das práticas alimentares tradicionais. Portanto, torna-se necessária a implementação de estratégias que valorizem os modos de vida tradicionais.

Palavras-chave: Alimentos. Dieta e Nutrição. Idoso. Nutrição do idoso. Saúde de Populações Indígenas.

ABSTRACT

Objective: To analyze possible changes in dietary intake and nutritional status among elderly Brazilian Indigenous people before and after the COVID-19 pandemic. **Materials and Methods:** This ecological, descriptive, and quantitative study used secondary data from SISVAN-Web, analyzing records of elderly Indigenous people (≥ 60 years) for the years 2019 and 2025. **Results:** The findings demonstrated a significant increase in overweight prevalence across all regions, particularly in the South (61.19%) and Southeast (47.96%), accompanied by a decrease in normal weight, with overweight being more prevalent among women. Consumption of protective foods was found to be maintained, though with a high prevalence of ultra-processed foods, indicating a nutritional transition toward Westernized patterns. **Conclusions:** The findings suggest that the dietary profile of indigenous older adults has undergone a significant change, in which the increase in ultra-processed foods challenges the maintenance of traditional dietary practices. Therefore, it is necessary to implement strategies that value traditional ways of life.

Keywords: Food. Diet and Nutrition. Older Adults. Nutrition of Older Adults. Health of Indigenous Populations.

INTRODUÇÃO

O aumento do envelhecimento populacional é um fenômeno crescente no Brasil e tem provocado importantes discussões acerca das condições de saúde e qualidade de vida da população idosa. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram aumento significativo da população com 60 anos ou mais, atingindo a quantidade de 32,1 milhões de pessoas, totalizando 15,8% da população brasileira, refletindo mudanças demográficas e epidemiológicas importantes no país (IBGE, 2022).

Entre os grupos populacionais mais vulneráveis nesse processo destacam-se os povos indígenas, que historicamente enfrentam dificuldades relacionadas ao acesso à saúde, saneamento básico, Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e preservação de seus hábitos culturais, evidenciando desigualdades sistêmicas de caráter étnico-racial (Coimbra Jr., 2014). No caso da população indígena idosa, essa problemática torna-se ainda mais relevante, uma vez que o envelhecimento fisiológico naturalmente provoca alterações metabólicas, funcionais e nutricionais que podem comprometer o estado de saúde (Moura; Batista; Moreira, 2010; Rodrigues *et al.*, 2023). A coexistência entre envelhecimento, vulnerabilidade social e mudanças alimentares pode potencializar o surgimento de agravos nutricionais e DCNT, impactando diretamente a qualidade de vida dessa população (Moura; Batista; Moreira, 2010; Rodrigues *et al.*, 2023).

Os povos indígenas brasileiros vêm passando por intensas transformações sociais, econômicas e culturais decorrentes do contato com a urbanização e com o modelo alimentar ocidentalizado (Moura; Batista; Moreira, 2010; Pontes; Garnelo, 2012). Tradicionalmente, a alimentação indígena era baseada na caça, pesca, agricultura e coleta de alimentos naturais, garantindo uma dieta rica em fibras e alimentos minimamente processados (Pontes; Garnelo, 2012). Entretanto, a perda territorial, a urbanização e a inserção no mercado econômico favoreceram a substituição desses hábitos por alimentos industrializados ultraprocessados, ricos em açúcares, sódio, gorduras e aditivos cosméticos (Moura; Batista; Moreira, 2010).

Esse processo de transição alimentar e nutricional tem sido associado ao aumento da prevalência de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), como obesidade, Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e Diabetes Mellitus (DM) entre populações indígenas. Estudos realizados com indígenas residentes em áreas urbanizadas demonstraram elevadas taxas de sedentarismo, excesso de peso e HAS, evidenciando mudanças importantes no perfil epidemiológico dessas populações (Rodrigues *et al.*, 2023). Além disso, pesquisas apontam que as alterações no padrão alimentar também repercutem negativamente no estado nutricional e na saúde bucal indígena, principalmente devido ao maior consumo de produtos açucarados (Moura; Batista; Moreira, 2010; Rodrigues *et al.*, 2023).

No período da pandemia da COVID-19, as vulnerabilidades enfrentadas pela população indígena ficaram mais evidentes, principalmente em relação ao acesso aos serviços de saúde e a insegurança alimentar (Pontes, 2015; Moura; Batista; Moreira, 2010). Ademais, os impactos sociais e econômicos contribuíram para o agravamento das condições de saúde e nutrição dessa população, especialmente entre pessoas idosas, considerados grupo de maior risco para complicações de doenças (Pontes, 2015; Moura; Batista; Moreira, 2010).

Dessa forma, compreender como as mudanças nos hábitos alimentares influenciam a saúde dos idosos indígenas é fundamental para subsidiar estratégias de promoção da saúde, prevenção de doenças e fortalecimento de políticas públicas direcionadas à população indígena idosa e este estudo tem como hipótese que substituição da alimentação tradicional indígena por alimentos ultraprocessados pode ter contribuído para alterações no estado nutricional entre os idosos indígenas no período entre 2019 e 2025.

Ainda, o objetivo do presente estudo foi analisar possíveis mudanças no consumo alimentar e estado nutricional de indígenas brasileiros idosos antes e após a pandemia da COVID-19 e tem como pergunta de pesquisa: qual foi o perfil da alimentação da população de idosos indígenas avaliados pelo SISVAN entre 2019 e 2025?

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo ecológico, descritivo e de abordagem quantitativa, realizado a partir de dados secundários disponibilizados pelo Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN *Web*). Foram analisadas informações referentes à população indígena idosa brasileira, definida como indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos, no período compreendido entre os anos de 2019 e 2025, permitindo a comparação de indicadores anteriores e posteriores à pandemia de COVID-19. Os dados foram obtidos por meio de relatórios públicos disponibilizados na plataforma do SISVAN-Web, contemplando informações sobre estado nutricional e consumo alimentar.

Para a análise do estado nutricional, foram considerados 3.373 registros referentes ao ano de 2019 e 19.317 registros referentes ao ano de 2025. Em relação ao consumo alimentar, foram avaliados 1.422 registros em 2019 e 10.856 registros em 2025. Ressalta-se que os indivíduos analisados não correspondem aos mesmos participantes ao longo do período estudado, uma vez que foram utilizados registros distintos em cada ano avaliado. Dessa forma, os resultados refletem o perfil da população indígena idosa acompanhada pelo SISVAN em cada período analisado.

Foram analisados os marcadores de consumo alimentar selecionados e disponíveis no SISVAN, tais como: consumo de frutas frescas, consumo de feijão, consumo de verduras e legumes e o consumo de alimentos ultraprocessados. Ademais, foi analisado o estado nutricional dos idosos indígenas por meio do Índice de Massa Corporal (IMC), utilizando os dados disponíveis no SISVAN. Para classificação do estado nutricional, o SISVAN utiliza os pontos de corte de Lipschitz (1994) para população idosa, considerando baixo peso IMC menor que 22 kg/m², eutrofia IMC maior ou igual 22 kg/m², e menor que 27 kg/m², e excesso de peso IMC maior ou igual 27 kg/m² (Lipschitz, 1994; Brasil, 2011).

Os dados foram organizados em dois períodos: pré-pandemia (2019) e pós-pandemia (2025), com intuito de realizar a comparação após o cenário pandêmico. A análise dos resultados foi obtida por meio da organização dos dados em planilhas eletrônicas no Microsoft Excel®, com elaboração de tabelas descritivas com valores absolutos e relativos (n e %), para melhor apresentação dos dados.

Em relação aos aspectos éticos, o presente estudo respeitou os princípios de confidencialidade, privacidade e segurança dos dados, considerando que utilizou dados secundários agregados e de domínio público, sem identificação nominal dos participantes. Sendo assim, o estudo dispensa apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme

previsto na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), uma vez que não houve contato direto com os participantes da pesquisa e nem a possibilidade de identificação individual.

RESULTADOS

Os resultados obtidos por meio dos dados do SISVAN demonstraram alterações importantes no perfil nutricional e alimentar da população indígena idosa brasileira entre os períodos pré-pandemia (2019) e pós-pandemia (2025). Em relação ao estado nutricional, observou-se predomínio de excesso de peso em praticamente todas as regiões do país, tanto em 2019 quanto em 2025, com aumento progressivo ao longo do período analisado (Tabela 1). A eutrofia apresentou redução proporcional em algumas regiões ao longo do período estudado, especialmente no Sul e Sudeste, enquanto o baixo peso permaneceu mais frequente nas regiões Norte e Nordeste. Os dados também evidenciaram diferenças segundo o sexo, sendo observado maior percentual de sobrepeso entre mulheres indígenas idosas quando comparadas aos homens, principalmente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste (Tabela 1).

Em 2019, a maior prevalência de sobrepeso foi observada na região Sul (56,12%), seguida pelo Centro-Oeste (49,22%), enquanto a menor ocorreu na região Norte (39,98%) (Tabela 1). Em 2025, verificou-se aumento desse indicador em todas as regiões, destacando-se novamente a região Sul, que alcançou 61,19%, representando um aumento de 5,07 pontos percentuais. O crescimento do sobrepeso também foi expressivo no Sudeste, passando de 41,08% para 47,96% (+6,88 pontos percentuais), e no Nordeste, de 41,10% para 45,72% (+4,62 pontos percentuais) (Tabela 1).

Em 2025, o sobrepeso atingiu 63,05% das mulheres indígenas idosas da região Sul, contra 59,10% dos homens. No Sudeste, a prevalência entre as mulheres alcançou 53,09%, superando em 11,27 pontos percentuais a observada nos homens (41,82%). Situação semelhante foi encontrada no Nordeste, onde o sobrepeso feminino atingiu 49,80%, enquanto entre os homens foi de 41,90% (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição em número e percentual quanto ao estado nutricional de indígenas idosos, segundo sexo e região do país. SISVAN, 2019 e 2025.

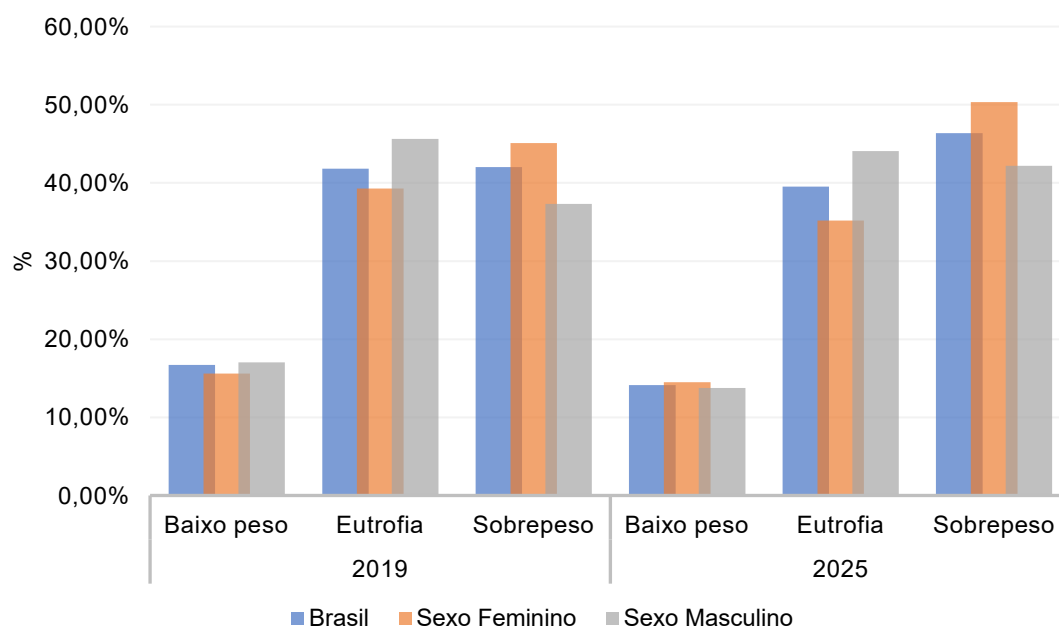
Região/sexo	2019			2025		
	Baixo peso n (%)	Eutrofia n (%)	Sobrepeso n (%)	Baixo peso n (%)	Eutrofia n (%)	Sobrepeso n (%)
Total						
Centro-oeste	43 (13,40%)	120 (37,38%)	158 (49,22%)	175 (11,11%)	584 (37,08%)	816 (51,81%)
Nordeste	257 (15,31%)	732 (43,60%)	690 (41,10%)	1176 (14,08%)	3,357 (40,20%)	3818 (45,72%)
Norte	222 (17,04%)	560 (42,98%)	521 (39,98%)	883 (16,11%)	2,277 (41,54%)	2321 (42,35%)
Sudeste	158 (18,08%)	357 (40,85%)	359 (41,08%)	412 (13,89%)	1,132 (38,15%)	1423 (47,96%)
Sul	27 (13,78%)	59 (30,10%)	110 (56,12%)	84 (8,91%)	282 (29,90%)	577 (61,19%)
Sexo Feminino						
Centro-oeste	26 (12,26%)	74 (34,91%)	112 (52,83%)	98 (10,72%)	309 (33,81%)	507 (55,47%)
Nordeste	171 (16,51%)	427 (41,22%)	438 (42,28%)	598 (14,81%)	1,429 (35,39%)	2011 (49,80%)
Norte	122 (15,82%)	312 (40,47%)	337 (43,71%)	482 (16,96%)	1,063 (37,40%)	1297 (45,64%)
Sudeste	80 (15,72%)	190 (37,33%)	239 (46,95%)	206 (12,75%)	552 (34,16%)	858 (53,09%)
Sul	13 (11,61%)	34 (30,36%)	65 (58,04%)	52 (10,44%)	132 (26,51%)	314 (63,05%)
Sexo Masculino						
Centro-oeste	17 (15,60%)	46 (42,20%)	46 (42,20%)	77 (11,65%)	275 (41,60%)	309 (46,75%)
Nordeste	86 (13,37%)	305 (47,43%)	252 (39,19%)	578 (13,40%)	1,928 (44,70%)	1807 (41,90%)
Norte	100 (18,80%)	248 (46,62%)	184 (34,59%)	401 (15,20%)	1,214 (46,02%)	1023 (38,78%)

Sudeste	78 (21,37%)	167 (45,75%)	120 (32,88%)	206 (15,25%)	580 (42,93%)	565 (41,82%)
Sul	14 (16,67%)	25 (29,76%)	45 (53,57%)	32 (7,19%)	150 (33,71%)	263 (59,10%)

Fonte: elaborado pelos autores com base no SISVAN.

Os dados apresentados demonstram uma possível tendência de crescimento do excesso de peso entre os idosos indígenas brasileiros, especialmente após a pandemia da COVID-19 (Figura 1). O aumento do sobrepeso ocorreu concomitantemente à redução proporcional da eutrofia, sugerindo mudanças importantes no perfil epidemiológico e nutricional dessa população (Figura 1).

Figura 1 – Distribuição em percentual quanto ao estado nutricional de indígenas brasileiros idosos. SISVAN, 2019-2025.



Fonte: elaborado pelos autores com base no SISVAN.

No que se refere ao consumo alimentar, observou-se manutenção do consumo de alimentos tradicionais considerados marcadores de proteção, como feijão, frutas frescas, verduras e legumes. Entretanto, identificou-se simultaneamente elevada frequência de consumo de alimentos ultraprocessados em todas as regiões do país. Em 2019, os maiores percentuais de consumo de ultraprocessados foram observados nas regiões Sul (82%), Sudeste (63%) e Centro-VITA ET SANITAS, V. 20, N.2, 2026

Oeste (58%) (Tabela 2). Em 2025, apesar de discreta redução em algumas regiões, os percentuais permaneceram elevados, principalmente no Centro-Oeste (72%), Sul (71%) e Sudeste (62%) (Tabela 3).

Tabela 2 – Distribuição em número e percentual quanto ao consumo alimentar de risco e proteção entre indígenas idosos, segundo sexo e região do país. SISVAN, 2019.

	Feijão		Frutas frescas		Verduras e legumes		Ultraprocessados	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Total								
Centro-oeste	38	95	22	55	33	83	23	58
Nordeste	220	87	176	70	172	68	140	56
Norte	75	59	98	77	84	66	72	56
Sudeste	69	96	56	78	63	88	45	63
Sul	9	82	8	73	10	91	9	82
Sexo Feminino								
Centro-oeste	25	100	14	56	21	84	14	56
Nordeste	115	85	99	73	92	68	69	51
Norte	41	59	60	87	41	59	31	45
Sudeste	41	98	36	86	39	93	22	52
Sul	7	78	6	67	8	89	7	78
Sexo Masculino								
Centro-oeste	13	87	8	53	12	80	9	60
Nordeste	105	91	77	66	80	69	71	61
Norte	34	58	38	64	43	73	41	69
Sudeste	28	93	20	67	24	80	23	77
Sul	2	100	2	100	2	100	2	100

Fonte: elaborado pelos autores com base no SISVAN.

Além disso, o consumo de frutas frescas e verduras apresentou melhora entre 2019 e 2025 em diversas regiões, especialmente no Nordeste e Norte, indicando coexistência entre hábitos alimentares tradicionais e alimentos industrializados (Tabelas 2 e 3). Os resultados evidenciam que, embora ainda exista importante presença de alimentos tradicionais na alimentação indígena idosa, o consumo de alimentos ultraprocessados permanece elevado.

Tabela 3 – Distribuição em número e percentual quanto ao consumo alimentar de risco e proteção entre indígenas idosos, segundo sexo e região do país. SISVAN, 2025.

	Feijão		Frutas frescas		Verduras e legumes		Ultraprocessados	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Total								
Centro-oeste	273	91	225	75	248	83	217	72
Nordeste	1236	95	1106	85	1067	82	567	44
Norte	1047	77	1101	81	1091	80	704	52
Sudeste	506	95	391	74	467	88	329	62
Sul	78	92	69	81	74	87	60	71
Sexo Feminino								
Centro-oeste	160	90	140	79	150	84	126	71
Nordeste	611	94	560	86	527	81	260	40
Norte	579	76	626	82	622	82	382	50
Sudeste	268	97	218	79	247	89	165	60
Sul	36	88	33	80	35	85	30	73
Sexo Masculino								
Centro-oeste	113	93	85	70	98	80	91	75
Nordeste	625	96	546	84	540	83	307	47
Norte	469	79	474	80	470	79	322	54
Sudeste	238	93	173	68	220	86	164	64
Sul	42	95	36	82	39	89	30	68

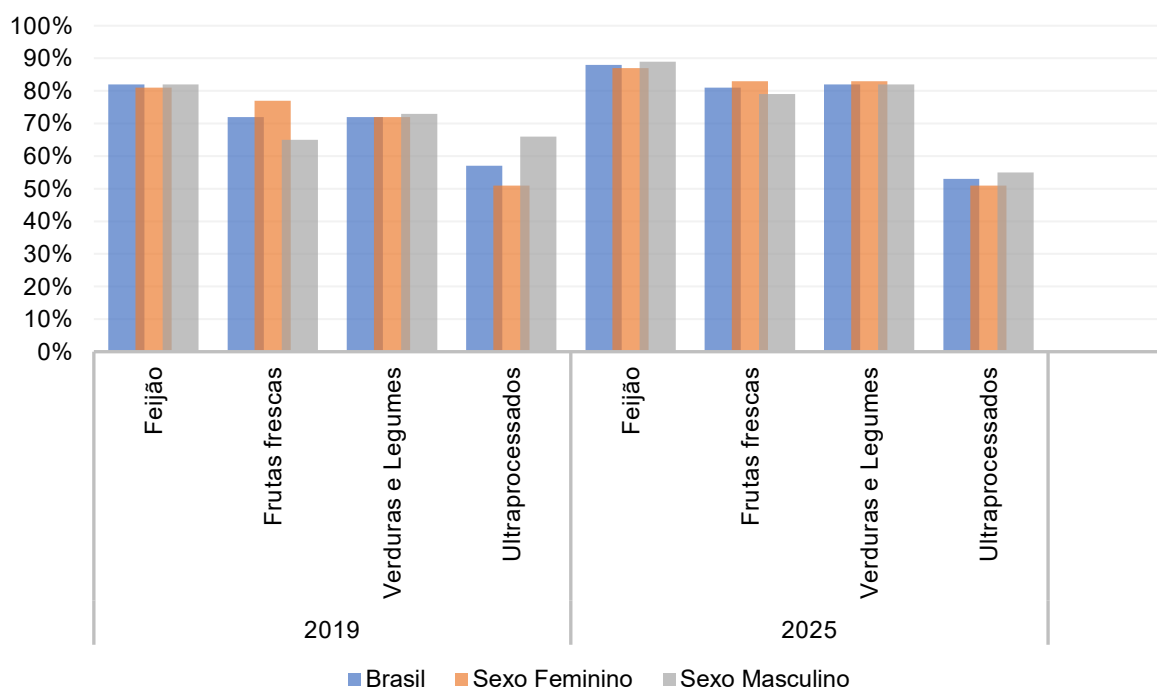
Fonte: elaborado pelos autores com base no SISVAN.

Na Figura 2, observa-se melhora no consumo de alimentos *in natura* e minimamente processados entre os anos de 2019 e 2025. O consumo de feijão aumentou de aproximadamente 82% em 2019 para cerca de 89% em 2025 em todos os grupos analisados. O consumo de frutas frescas também apresentou crescimento, passando de 72% para 82% na população geral, com destaque para o sexo feminino, que apresentou aumento de 78% para 83%, enquanto o sexo masculino passou de 65% para 80%.

Em relação ao consumo de verduras e legumes, os percentuais permaneceram elevados, variando de 72% a 83% nos dois períodos avaliados. Já o consumo de alimentos ultraprocessados apresentou percentuais menores em comparação aos demais grupos alimentares, variando entre 50% e 67%, sendo mais frequente entre os homens (Figura 2). Esses

achados sugerem uma tendência positiva na qualidade da alimentação da população, embora o consumo de ultraprocessados ainda permaneça relevante.

Figura 2 – Distribuição em percentual quanto ao consumo alimentar de risco e proteção de indígenas brasileiros idosos. SISVAN, 2019-2025.



Fonte: elaborado pelos autores com base no SISVAN.

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo demonstraram mudanças no perfil alimentar da população idosa indígena entre os períodos pré e pós-pandemia da COVID-19, evidenciando alterações na alimentação tradicional, com a presença de alimentos ultraprocessados. Observou-se também a coexistência entre o consumo de alimentos de proteção, como frutas, verduras e feijão, e o alto consumo de alimentos de risco para DCNT.

Os achados indicam a coexistência de padrões alimentares distintos, caracterizada pela manutenção de marcadores de consumo de alimentos *in natura* e minimamente processados, ao mesmo tempo em que permanece elevada a frequência de consumo de alimentos ultraprocessados. Esse comportamento não representa necessariamente uma contradição, mas pode refletir uma transição alimentar incompleta, na qual práticas alimentares tradicionais coexistem com a incorporação de produtos industrializados. Assim, a interpretação dos

resultados deve considerar a sobreposição desses padrões, sem pressupor a substituição integral da alimentação tradicional.

Além disso, verificou-se redução da eutrofia em praticamente todas as regiões analisadas, passando de 41,80% em 2019 para 39,51% em 2025. As reduções mais expressivas foram observadas nas regiões Nordeste e Sudeste, sendo que no Nordeste a eutrofia passou de 43,60% para 40,20% e Sudeste de 40,85% para 38,15%, tal comportamento reforça a hipótese de que o processo de transição nutricional está modificando o perfil epidemiológico dos povos indígenas, reduzindo gradualmente a proporção de indivíduos com estado nutricional adequado e aumentando a prevalência de excesso de peso (Francisco *et al.*, 2024). Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), populações tradicionais submetidas a rápidas transformações socioeconômicas apresentam maior risco de desenvolvimento de obesidade, diabetes mellitus tipo 2 e doenças cardiovasculares devido à alteração dos padrões alimentares e à redução da atividade física (OPAS, 2022).

Outro aspecto relevante foi a persistência do baixo peso nas regiões Norte e Nordeste. Em 2025, 16,11% dos idosos indígenas do Norte apresentavam baixo peso, percentual quase duas vezes superior ao observado na região Sul (8,91%). Esses resultados evidenciam a coexistência de diferentes formas de má nutrição, fenômeno conhecido como dupla carga nutricional, no qual déficits nutricionais convivem simultaneamente com o excesso de peso na mesma população (WHO, 2021). Essa situação é frequentemente observada em grupos socialmente vulneráveis, especialmente entre povos indígenas expostos a desigualdades de renda, acesso limitado aos serviços de saúde e insegurança alimentar (Malta *et al.*, 2025).

A perda gradual da alimentação tradicional indígena tem sido associada ao avanço da urbanização e à adoção de padrões alimentares ocidentalizados (Pontes; Garnelo, 2012). Tradicionalmente, a alimentação indígena era baseada em alimentos *in natura* e minimamente processados, obtidos por meio da caça, pesca, agricultura e coleta. Entretanto, observa-se atualmente maior consumo de alimentos ultraprocessados, especialmente entre populações indígenas urbanizadas (Pontes; Garnelo, 2012). De acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira (GAPB), os alimentos ultraprocessados estão associados ao aumento da obesidade, diabetes *mellitus* tipo 2 e outras DCNT (Brasil, 2014). Além disso, estudos apontam que a combinação entre alimentos tradicionais e ultraprocessados reflete mudanças importantes no padrão alimentar indígena e no estado nutricional dessas populações (Ygnatios *et al.*, 2023).

A pandemia da COVID-19 também pode ter contribuído para o agravamento das vulnerabilidades alimentares e nutricionais entre idosos indígenas, principalmente devido às

dificuldades de acesso aos serviços de saúde e à insegurança alimentar (Pontes, 2015; Moura; Batista; Moreira, 2010). Nesse contexto, o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados associado à redução da alimentação tradicional pode representar um importante fator de risco para alterações no estado nutricional e aumento das DCNT na população.

Entre as diferenças observadas nas regiões, as regiões do Sul e Sudeste apresentaram as maiores prevalências de sobrepeso tanto em 2019 quanto em 2025. Em contrapartida, as regiões Norte e Nordeste apresentaram maiores percentuais de baixo peso, indicando a persistência de vulnerabilidades socioeconômicas e de insegurança alimentar. Esses resultados reforçam que os determinantes sociais e territoriais exercem influência importante sobre o estado nutricional da população indígena idosa (Baldoni *et al.*, 2019).

Além das diferenças regionais, as mulheres indígenas idosas apresentaram a maior prevalência de sobrepeso em todas as áreas analisadas. Esse resultado se assemelha aos descritos na pesquisa de Coimbra Jr. *et al.* (2014), onde foram observados que cerca de 46% das mulheres estudadas apresentaram sobrepeso ou obesidade. Embora a faixa etária analisada tenha contemplado mulheres com até 49 anos, tais resultados sugerem que às condições socioeconômicas e o processo de transição nutricional podem contribuir para a maior ocorrência de excesso de peso entre as mulheres indígenas ao longo do curso da vida.

Entre as limitações do estudo, destacam-se a utilização de dados secundários do SISVAN, que podem apresentar subnotificação e cobertura limitada da população indígena em algumas regiões do país, além da natureza ecológica do desenho, que não permite inferir mudanças individuais ao longo do tempo. Ressalta-se também a expressiva diferença no número de registros de estado nutricional entre 2019 (3.373) e 2025 (19.317), decorrente da ampliação da cobertura e do registro no sistema no período pós-pandemia. Essa flutuação amostral pode ter introduzido viés de seleção ou de notificação e deve ser considerada na interpretação das diferenças percentuais observadas entre os anos, uma vez que os registros analisados não correspondem aos mesmos indivíduos. Entretanto, como ponto forte, o estudo utilizou dados nacionais provenientes do SISVAN, com a população indígena usuária do Sistema Único de Saúde (SUS), permitindo analisar o perfil alimentar e nutricional de idosos indígenas brasileiros no período pré e pós-pandemia da COVID-19. Além disso, destaca-se a relevância do tema, considerando a escassez de estudos voltados à população indígena idosa e às mudanças no padrão alimentar dessa população.

CONCLUSÕES

Diante dos resultados, o estudo evidenciou que no período analisado ocorreram mudanças no perfil nutricional e alimentar da população indígena idosa brasileira, na qual observou-se um aumento de excesso de peso, associado a redução da população eutrófica, fator que sugere a transição nutricional na população. Além disso, foram identificadas diferenças entre as regiões e sexo, sendo que houve maior proporção de sobrepeso entre mulheres indígenas idosas em comparação aos homens, além da persistência de baixo peso especialmente nas regiões Norte e Nordeste. Desta forma, a coexistência de excesso de peso e baixo peso em diferentes contextos apontam para um cenário que as mudanças nos hábitos alimentares tradicionais, associadas a fatores sociais e econômicos contribuem para o aumento do excesso de peso e para o possível agravamento das DCNT entre idosos indígenas brasileiros.

REFERÊNCIAS

BALDONI, N.R. et al. Prevalência de sobrepeso e obesidade na população indígena adulta no Brasil: uma revisão sistemática com metanálise. *Diabetes & Metabolic Syndrome: Clinical Research & Reviews*, v. 13, n. 3, p. 1705-1715, 2019. DOI: 10.1016/j.dsx.2019.03.024. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1871402119301316>. Acesso em: 31 maio 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, n. 98, seção 1, p. 44-46, 24 maio 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia alimentar para a população brasileira*. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Orientações para a coleta e análise de dados antropométricos em serviços de saúde: Norma Técnica do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional – SISVAN*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN Web). Brasília, DF: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://sisvan.saude.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2026.

COIMBRA JUNIOR, C.E.A. Saúde e povos indígenas no Brasil: reflexões a partir do I Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, p. 855-859, 2014.

FRANCISCO, P.M.S.B. et al. Doenças crônicas na população indígena não aldeada: dados da Pesquisa Nacional de Saúde, 2019. *Saúde em Debate*, v. 48, n. 142, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2022: população e domicílios – primeiros resultados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LIPSCHITZ, D.A. Screening for nutritional status in the elderly. *Primary Care*, Philadelphia, v. 21, n. 1, p. 55-67, 1994.

MALTA, D.C. et al. *Determinantes sociais em saúde: doenças crônicas não transmissíveis e seus fatores de risco e de proteção na população adulta brasileira*. 1. ed. São Paulo: Rema Editora, 2025. E-book. ISBN 978-65-83761-00-2.

MOURA, P.G.; BATISTA, L.R.V.; MOREIRA, E.A.M. População indígena: uma reflexão sobre a influência da civilização urbana no estado nutricional e na saúde bucal. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 459-465, maio/jun. 2010.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). *Panorama da segurança alimentar e nutricional na América Latina e Caribe 2022*. Washington, DC: OPAS, 2022.

PONTES, A.L.M. Resenha: Saúde indígena em perspectiva: explorando suas matrizes históricas e ideológicas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 8, p. 1797-1800, 2015.

PONTES, A.L.M.; GARNELO, L. Contextos de alimentação e nutrição em comunidades indígenas brasileiras. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 25, n. 5, p. 643-656, 2012.

RODRIGUES, K.P.L et al. Eating habits, anthropometry, lifestyle, and hypertension of a group of non-village indigenous women in Amazon, Brazil. *Revista da Associação Médica Brasileira*, São Paulo, v. 69, n. 3, p. 398-403, 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Malnutrition*. Geneva: World Health Organization, 2021.

YGNATIOS, N.T. et al. Transição alimentar, consumo de ultraprocessados e saúde nutricional em populações indígenas brasileiras: revisão integrativa. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 32, n. 4, e220789, 2023.